

REFLEXÕES ORDINÁRIAS SOBRE A BRASILIDADE

– O Homem Brasileiro segundo Nelson Rodrigues –

Gilson Gil

Realizar o encontro entre literatura e ciências sociais é sempre polêmico, enganador e suspeito. Temos de nos situar para além de uma “teoria do reflexo” ou da contextualização, que envolve o texto literário em uma camisa-de-força sociológica, mas evitando recair na crítica literária, que já possui seus conceitos, teorizações e debates próprios. É neste sentido que procuramos refletir, de forma exploratória, acerca de alguns temas da obra de Nelson Rodrigues, ligando-os, sempre que possível, a discussões próprias das ciências sociais. Interessa-nos, em especial, a questão do “homem brasileiro”, sua identidade e formação histórica. Nossa hipótese inicial é que Nelson construiu toda uma reflexão irônica e verticalizada sobre o que poderíamos chamar de “brasilidade” (Morales 1983). Isto é, ele buscava criar algo que nos caracterizasse como povo, nação e cultura. É na busca desta marca do que é ser brasileiro que é construída nossa identidade nacional e nossas representações de tempo e espaço.

Nelson Rodrigues procurou analisar o Brasil, dissecar a “alma” de seus habitantes, enfim, expor todos os seus medos, fraquezas e desejos. Evitaremos descambar para a psicologia, linha de abordagem muito utilizada quando se fala de sua obra. Procuraremos nos situar na esfera do pensamento social, vendo Nelson Rodrigues como fazendo parte da mesma linhagem de pensadores como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Paulo Prado e Roberto da Matta, entre outros. Chocante em certos momentos, mas incisivo e profundo

no todo, Nelson foi um dos mais importantes pensadores da cultura brasileira contemporânea.

Iremos utilizar como objeto de nosso estudo sua obra em geral. Desde as peças de teatro até as crônicas sobre futebol, passando pelos romances e autobiografias, todos estes variados tipos de estilos servirão como matéria-prima para nossa elaboração de sua visão sobre o Brasil. Não nos prenderemos a um determinado período ou fase de sua carreira. Reconstruiremos seu pensamento de forma livre, fazendo um vai-e-vem entre os diversos escritos, a fim de expor as correlações existentes nos distintos gêneros, e como elas se articulam em sua análise mais ampla sobre nossa subjetividade. Seus argumentos são encontráveis tanto nas peças como nos romances, porém, cabe assinalar a importância do futebol nesta reflexão e crítica sobre a brasilidade. Esta é uma arena, onde as múltiplas facetas do nosso povo se entrecruzam. Nossos conflitos e ambições ficam mais evidenciados quando Nelson escreve sobre o futebol e seu caráter tragicamente apaixonante para toda a população.

O ponto que inicialmente adotaremos como “pista” para entrarmos em seu “mundo” será a problemática do “ser humano”. É central sua inquietação com o indivíduo em seus diversos papéis, representações, classes e relações de parentesco. Entretanto, Nelson não se situava apenas no terreno da psicologia. Apesar do forte peso desta quando se reporta às suas análises sobre o incesto, as repressões sexuais e os desejos ocultos, ele não se colocava somente no terreno destas especulações. Há todo um lado de sua obra que procura “situar” socialmente estes indivíduos. Sem sociologizar as questões, ou deslocar sua obra para os elementos sociais que influenciaram a sua elaboração, “defeitos” metodológicos facilmente localizáveis na junção literatura e sociologia (Cândido, 1980, p.12), procuramos verificar como ele se refere ao país através dos seus personagens e enredos.

Ele fez isto estruturando-os conjuntamente a um posicionamento sobre o país e sua situação política e econômica. Assim, advém dos seus textos uma tentativa de se pensar nossa história, tanto em seus preenchimentos como em suas ausências. Explorava muito o lado dos “sentimentos” típicos dos brasileiros, como a “culpa”, o “ressentimento” ou a “esperança”. Contudo, eles sempre estão acompanhados de uma reflexão sobre o poder, seus efeitos reprodutivos e resistências

que atravessam a realidade brasileira. Seu principal objeto e interlocutor privilegiado será aquele que é seu personagem central: o homem do povo, das ruas e subúrbios, em toda a “baixeza” de seu cotidiano, seus amores e decepções. Realizar tal análise implica executar uma genealogia da “brasilidade”, isto é, averiguar os momentos em que se criou sua personalidade, sua historicidade e caráter.

O Brasil é caracterizado, inicialmente, por não possuir história, por sua vida ser uma “anti-epopéia” (Rodrigues 1993, p. 194). Desta forma, ele não amadureceu seus problemas, não conseguiu edificar uma memória coletiva. Esta ausência de passado é a causadora de nossa passividade. A violência de nosso passado colonial se manifestaria neste impedimento íntimo de se revoltar. Não teríamos a naturalidade diante dos fatos mais dramáticos que um inglês ou francês teria. Isto leva Nelson a pensar um tema que perpassa várias de suas obras: a humildade. Nossa falta de história, nossa incapacidade de se revoltar com as adversidades gerou uma mentalidade tipicamente submissa. O brasileiro seria meloso, sentimental e generoso, de uma preocupação abjeta em agradar. Esta combinação de culpa e passividade impediria o brasileiro de querer triunfar, vencer e se exaltar.

Um personagem típico de tal sentimento é Zózimo em *Asfalto Selvagem*. A personagem central do romance, Engraçadinha, despreza Zózimo, que é seu noivo. Seu desprezo vem da veneração que ele sentia por ela. Em um rompante de raiva exclamava para ele que “não se deve ser tão humilde” (id. 1994a, p. 59). Um humilde assim inspirava tédio, nojo e, por fim, ódio. Zózimo só inspira escárnio, como de seu sogro, o deputado Arnaldo. Este ficava espantado com a humildade de Zózimo, aceitando a infidelidade conjugal da filha ao dizer de Zózimo que é “bem feito que ele já comece com um bom par de chifres” (id., p. 74). Seria incompreensível um amor feito de tanto altruísmo e renúncia. Tanto heroísmo seria ignóbil. Degradante é a própria postura de Zózimo, vinte anos depois, em casa com Engraçadinha. O juiz Odorico Quintela acha deprimente e indigno de ser respeitado um marido tão polido, de camisa do Flamengo sem mangas com as axilas abundantes e chinelos sem meias. Conclui que Zózimo “precisa ser traído imediatamente” (id., p. 202).

Outros exemplos podem ser encontrados, tais como Xavier no

romance *O Casamento*. Este é amante de uma secretária, com quem não pode se casar, pois já é casado. Sua esposa é leprosa, ele só fica com ela por pena, já que cuida dela. A sua amante passa a desprezá-lo, traindo-o com o chefe. A culpa dessa infidelidade é a humildade de Xavier. Os amigos lhe advertem que “o homem não pode ser tão humilde. Homem tem que se impor” (id. 1992a, p.222). Xavier tinha a humildade repulsiva de quem sempre vinha “pedir, pedir” (id., p. 229).

Nelson Rodrigues também retratava nas suas crônicas de costumes — *A vida como ela é...* — este tipo de humildade. É o recorrente tema do marido que é traído por ser bom demais. Tanta incapacidade de se impor causa repulsa às esposas. Uma delas explicita que é infiel porque seu marido “é de uma bondade que dá nojo” (id. 1993b, p. 235). É a desrespeitosa atitude do marido que diante das contínuas infidelidades da esposa “continuaria perdoadando” (id. 1992, p. 83). No teatro esta temática é tratada em *Perdoa-me Por Me Traíres*. É a humildade doentia de Gilberto que, após sair do sanatório, onde se cuidava dos ciúmes que o atormentavam, volta para casa e aceita tudo que a mulher faz. Todos da família o acham louco, de uma generosidade abjeta. É a passividade de quem “não acredita em provas, não acredita em fatos” (id. 1993c, p. 813).

Entretanto, é exatamente em uma crônica futebolística que Nelson irá desenvolver o problema da humildade obsessiva do brasileiro. Em plena copa de 1966, ele assim descreve a atitude dos ingleses, que a todo custo queriam ser campeões: “Eis uma verdade inapelável – só os subdesenvolvidos ainda se ruborizam. Ao passo que o grande povo é, antes de tudo, um cínico” (id. 1993d, p. 132). A imprensa e os técnicos, após esta copa, formaram o mito do futebol – força invencível. Porém, o subdesenvolvido não conseguiria ser crítico em sua visão de colonizado. Ninguém reclamava da “roubalheira” e da violência européia. Ele era veemente no protesto ao afirmar que o “mínimo que se pode esperar do subdesenvolvido é o protesto (... A sua dignidade depende de sua indignação” (id. 1994a, p. 126).

A falta de indignação percorre a imprensa, a torcida, os treinadores, Zózimo, Xavier, Gilberto e todos os brasileiros, em geral. Esta humildade é amedrontada. O brasileiro não consegue se impor ou aceitar elogios, e quando é “chamado de doutor treme em cima

dos sapatos” (id. 1193e, p. 59). Ele não é capaz de dizer *não*. Procura a multidão e a opinião pública para se refugiar. É mais admirador do que crítico, e de um tipo de “admiração” que compromete ao infinito (id. 1993 a, p. 50). A busca por modelos a quem admirar forçaria o brasileiro a ser genial em todos os momentos. Esta tensão entre a uniformidade acalentadora serviçal da opinião pública e a ânsia de ser gênio faria com que o brasileiro tivesse uma “vida nervosa” excessiva (Simmel 1992) que incapacitaria, de forma irredutível, o brasileiro de ser natural.

Desta forma, podemos correlacionar dois temas que estão muito próximos em seus escritos, associando-os a estas reflexões sobre a humildade. Estes dois temas são a política, mais especificamente os políticos, e a hipocrisia. Antes de falar em política, encontramos nele uma análise sobre os políticos. O bordel de Madame Luba é o melhor ponto para começarmos nossa abordagem. Este é um bordel de estudantes, no qual só trabalhavam menores de idade. Quando uma das protagonistas questiona Madame sobre a segurança, é dito que, “a polícia aqui não pia” (id. 1993c, p. 785). O lugar é de extremo respeito pois só é freqüentado por deputados e senadores. As próprias meninas são filhas de “boas famílias”. As meninas são pagas, e depois arranjam “um *big* emprego num instituto desses” (id., p. 787). O representante “típico-ideal”, na linguagem weberiana, dos freqüentadores é o deputado Jubileu de Almeida. Este é catedrático de física. Só vai ao bordel para se masturbar enquanto recita um ponto de física para uma das adolescentes. Ele as fascina com a promessa de arranjar “um lugarzinho” (id., p. 788) em alguma repartição pública.

Outro momento em que aparece a política é na peça *Boca de Ouro*. Este é um “Deus do subúrbio, que faz o que quer, matando todos os que atrapalham. Faz isso sem medo, pois “dá dinheiro a jornalistas e políticos” (id. 1993f, p. 887). Outra referência do mesmo tipo é feita em *Viuva, porém Honesta*. Os políticos são apresentados como corruptos e fracos, completamente nas mãos dos grandes “capitães-de-indústria”. O maior deles seria o dono do maior jornal do Brasil, *A Marreta*, o Dr. J. B.. Este é visto como um *gângster* da imprensa, que manda e desmanda no Brasil, e que “nomeia até ministro pelo telefone” (id. 1993g, p. 434).

Podemos completar esta referência aos políticos com o personagem Odorico Quintela de *Asfalto Selvagem*. Ele é juiz,

apaixonado por Engraçadinha – a protagonista do romance e que faz de tudo para se tornar seu amante. No afã de conquistá-la promete emprego para seus filhos, sempre utilizando-se da figura do poder judiciário. Se exalta tanto que pensa consigo mesmo que, “no seu arroubo, só faltou dizer que o Judiciário serve para isso mesmo, ou seja, arranjar empregos” (id. 1994a, p. 206). Usa de sua influência para não pagar contas e corridas de táxi, arrumar consultas e aumento de salário. Mostrava que tinha relações, mostrando que “o Judiciário era uma potência sombria e esmagadora” (id. p. 216). Procurava cercar de uma aura de autoridade suas “armações”, a ponto de afirmar, no ginecologista, com Engraçadinha e a filha, que não, que não era ele que estava ali, mas a “Lei a Justiça” (id. p. 341). Ele humilhava os subalternos e se utilizava do seu cargo para obter favores pessoais, assim como o deputado Jubileu de Almeida. Este último é ironizado ao exigir que a menina veja como ele é poderoso, como ele é professor catedrático e “os Jornais o chamam de reserva moral” (id. 1993c, p. 790).

É desta maneira que Nelson atacará ícones de nossa civilização, como a UDN e o brigadeiro Eduardo Gomes, a reserva moral do país em várias eleições. Importa assinalar como ele vai mostrando os limites personalistas a um suposto avanço da burocratização e de uma dominação racional – legal (Weber 1992b). Não há uma impessoalidade e nivelamento característicos dos Estados modernos de tradição política liberal anglo-saxã. O Estado é permeado por interesses pessoais, inexistindo uma rígida separação entre o público e o privado. Não seria fácil para nossa cultura política “iberista” compreender as distinções fundamentais entre esses dois domínios (Holanda 1989). Estaríamos mais próximos do Estado Patrimonialista em seu caráter personalizante e familiar, em que o público é uma extensão do privado, especialmente do familiar (Weber 1992c). Nelson Rodrigues desmascara, insulta e expõe os dilemas subterrâneos desta forma brasileira de viver a política e o Estado. Ele não quer “modernizar” este Estado, em nome de ideologias anglo-saxãs, mas nos chocar com o confronto de nossas verdades, como a corrupção, a prostituição e o empreguismo.

Isto se relaciona de forma necessária à hipocrisia que constituiria a nossa personalidade. Estes homens respeitáveis sempre associam estas atividades ocultas com a “rua”, separando-se bem do espaço

moralizante e familiar da “casa” (DaMatta 1985). O deputado Jubileu de Almeida só se preocupa com sua mulher, que é “neta de barões” (Rodrigues 1993, p. 791). O deputado Arnaldo, pai de Engraçadinha, também asseverava a “santidade” do espaço social familiar ao querer matar aqueles que levavam para casa as misérias dos alcouces, e repetir constantemente que “a esposa deve ser fria” (id. 1994a, p. 67). Da mesma forma age o jovem Sílvio nesta obra, que não quer fazer sexo com a noiva, pois a quer como “esposa” (id. 1994a, p. 113). Hipocrisia de Sabino, respeitado empresário e pai de família, que fazia tudo para casar a filha virgem, mas era amante da secretária e havia deflorado uma sobrinha epilética de treze anos “durante um ataque” (id. 1992a, p. 245).

O exemplo mais explícito é o personagem *bibelot* de *Os Sete Gatinhos*. Ele é um cafetão, que deseja se casar com uma virgem e, simultaneamente, tem uma amante na zona. A virgem tem de ser “menina de família”, embora ele goste mesmo é de “mulher bem esculachada” (id. 1993h, p. 834) como aquelas da “zona”. Nesta mesma peça encontramos outra temática que é direcionada à questão da hipocrisia. É a defesa da virgindade como centro da pureza familiar. Para financiar o enxoval da filha, “supostamente” virgem, o pai prostitui as outras filhas, inclusive mandando deputados para elas. Em *Bonitinha mas Ordinária* reaparece a mesma questão, na forma da irmã que se prostitui para garantir a virgindade das outras. A hipocrisia se consuma na figura da protagonista, Maria Cecília, que é apresentada como uma menina pura de colégio interno, e, até ser estuprada, “não havia menina mais virgem” (id. 1993i, p. 1007). Contudo, é mostrado, posteriormente, que ela é a mais “apodrecida” da família, pois foi ela quem pagou para ser estuprada. É uma “ética dúplice” (Weber 1983, p. 36), na qual certas normas são estabelecidas para as relações intragrupais, e outras para exteriores. É uma ética própria a um capitalismo aventureiro, pré-moderno, já que a obra da religião protestante foi criar um “ethos” único, marcado pela devoção ao trabalho, ao cálculo e à administração impessoal dos bens públicos. É como o velho que chantageia e viola Ritinha em *Bonitinha, mas Ordinária*, e quando ela o denuncia ele diz que tem netos, e é um “homem de bem” (Rodrigues 1993i, p. 1033).

A hipocrisia é a outra face da moeda da humildade. Há um medo de enfrentar a verdade no Brasil. O brasileiro quer adotar

ideologias, religiões e mitos para sobreviver. Uma das maiores destas falsificações é a “pureza” da família brasileira. Esta é atravessada por incestos, infidelidades e perversões, porém quer sempre manter uma “santidade” no espaço da casa, a qual procura disseminar para as outras esferas. É neste ambiente de falsidade que surge a figura do “crápula”. O melhor exemplo está no Dr. Bergamini em *Asfalto Selvagem*. Este é uma “fábrica de virgens”. Ele explica seu ofício de fazer abortos e restaurar himens dizendo que sua filha se matou porque dera “um mau passo”. Agora, ele faz o que gostaria que tivessem feito com a sua filha. Ele desejaria que sua filha tivesse achado um “crápula igual a mim” (id. 1994 a, p. 104). O crápula é funcional em uma sociedade tão hipócrita. Ele mantém as aparências. É usado por ricos e poderosos para silenciar os “subalternos” como o Dr. Werneck de *Bonitinha, mas Ordinária*, que patrocina um estupro de meninas, mas depois promete para a irmã mais velha que irá devolvê-las virgens, já que ele conhece um médico que ganha a vida “restaurando virgindades” (id. 1993i, p. 1042). Às vezes, o hipócrita é o mesmo que o crápula, como o médico que faz abortos em *Perdoa-me por me traíres*, mas não quer perder o respeito pois é “um homem de responsabilidade” (id. 1993c, p. 796).

Nelson Rodrigues buscava resgatar aquela indignação e sensibilidade, oculta no seio de cada família, adormecida pelo nosso culto à hipocrisia. Ele queria expor as trevas de cada família (id. 1992 a, p. 203). Combatia o medo à verdade que nossa humildade prezava. Criticava o tipo de atitude como a do homem que matara o amigo que lhe denunciara o adultério da esposa. Ele preferia viver na falsidade, na ilusão da fidelidade, assim ele afirma ao amigo que perdoaria a mentira, mas teria de matá-lo porque não perdoa a verdade (id. 1993b, p. 117).

No entanto, no futebol, o brasileiro deixa de ser um “vira-latas”, pois é tricampeão mundial. O diferencial estaria no “homem-brasileiro”. Segundo Nelson, o brasileiro é uma nova experiência humana. O homem do Brasil entra na história com um elemento inédito, revolucionário e criador: a molecagem (id. 1994b, p. 81). O brasileiro após ser insultado, como a seleção de 1970 que sai daqui vaiada e volta campeã, poderia reagir, superar as dificuldades e se revoltar. Por isso é que ele expõe todas as mazelas da família e da política brasileira. É deste insulto que poderia surgir a revolta do

brasileiro subdesenvolvido. O Brasileiro é o homem das ruas, dos subúrbios, que tem sentimentos, que “vive de verdade e ferozmente” (id., p. 81).

Vale ressaltar que uma certa repressão aos desejos básicos é necessária, segundo Nelson, para se criar civilização. A ordem social precisaria de “virtudes médias” (id. 1994 a, p. 15), ou seja, de cordialidade e civilidade. Neste ponto, ele vai acompanhar teorias como as de Freud, Elias ou Weber acerca da relação entre socialização e racionalização. Entretanto, a partir deste momento primeiro instaurador, as diversas culturas e povos se distinguiriam historicamente. É seguindo este raciocínio que ele vai procurar o que caracterizaria o Brasil. Este é simbolizado pelo sujeito que se negava, se xingava e baixava a vista, “esse Narciso às avessas que agredia a própria imagem” (id. 1987, p. 183).

O humilde é o símbolo nacional. É o símbolo de um país sem história, cujo passado só durou “quinze minutos”. Esta ausência de “ruminação” (Nietzsche 1993, p. 25) se mostra em nossa imaturidade. O verdadeiro pensador amadurecido não sofre o “culto” idiota ao jovem, nem busca a novidade a qualquer custo. Ele aprofunda as questões vitais, inserindo-se verticalmente no fluxo vital, vivenciando repetidas vezes cada acontecimento. Ele “rumina” suas experiências ao reler muito, compreendo que a real “arte da leitura é a releitura” (Rodrigues 1993, p. 43).

Esta humildade favorece o intelectual “socrático”, isto é, o sociólogo. Este tipo de intelectual não conhece os subúrbios, não vai ao futebol e vive em total alheamento das ruas. Ele não possui saber, possui “erudição” (id., p. 42). Esta é destrutiva para a vida. Assim como Nietzsche em sua crítica ao historicismo hegeliano (Nietzsche 1980), Nelson argumentará que a erudição é pesada, sem plasticidade e criatividade. Os exemplos de eruditos são os cientistas acrílicos, repletos de teorias e modelos, os psicólogos, comunicólogos e sociólogos. As referências negativas a este ideal de erudição são várias em suas *Memórias e Confissões*. Além disto, inúmeras citações irônicas são feitas a médicos, psicanalistas e jornalistas em suas peças teatrais e romances, como o Dr. Lambreta de *Viúva, Porém Honesta* e o Tinhoão de *Asfalto Selvagem*. Justamente, é esta admiração pelos sotaque estrangeiro e pela teorização abstrata que nutre o erudito. Desta forma, Nelson enfatiza que “o brasileiro é, por vocação, platéia” (Rodrigues 1993 a, p. 251).

Apesar de seu “pessimismo anárquico” (Magaldi 1993 p. 34), explícito em várias peças e crônicas, podemos ressaltar uma outra possibilidade interpretativa de sua construção literária. Sua angústia com nosso povo estaria no fato de que o “brasileiro não sabe ser glorioso” (Rodrigues 1993e, p. 173). Porém, ele não desconsiderava o papel da utopia e da revolta. São exatamente tais utopias que ainda salvam os homens (id. 1993 a, p.167). Podemos indicar certas passagens nas quais Nelson aponta para este papel humanizador da utopia. No teatro há duas peças marcantes deste “lado utópico” de sua produção. A primeira é *Bonitinha, mas Ordinária* na qual Edgard e Ritinha acabam juntos, desprezando o dinheiro, os medos, as perversidades, a prostituição e a sordidez, infantizando seu caráter radiante ao admirar o sol nascente (id. 1993i, p.1048). A segunda é o *Anti-Nelson Rodrigues* e o final feliz de Oswaldinho e Joice quando esta afirma não querer seu dinheiro, mas seu amor para sempre, no que é correspondida (id. 1993j, p.516). Agora, o principal é apontar o papel do futebol na redenção do brasileiro. Quando todos falam mal do Brasil e o criticam somente um tipo de homem consegue fazer do país vencedor: “O único sujeito que faz o Brasil é o jogador de futebol, é Pelé, é Mané” (id. 1987, p. 184).

Enfim, é necessário concluir estas reflexões ressaltando a idéia de “insulto” em sua obra. Em 1949, o próprio Nelson dizia que fazia um “teatro desagradável”. Estas seriam “obras pestilentas, fétidas, capazes, por si sós, de produzir o tifo e a malária na platéia” (Rodrigues e Magaldi 1993, p. 37). O desejo de produzir obras tão desagradáveis era impor as incoerências, imoralidades e hipocrisias nas instituições e costumes idolatrados pelos brasileiros. É a idéia que o acompanha de que deveríamos reconhecer nossas verdades íntimas. Este seria o caminho da utopia. A utopia não seria coletiva, mas individual. Haveria vários caminhos, cada um apropriado a cada indivíduo. O essencial seria se afastar da hipocrisia, se recusar a ser um “canalha útil” como o Dr. Bergamini. Esta idéia já surge como uma indicação na década de quarenta, em *Anjo Negro*. É a fala de Elias, falando sobre o irmão Ismael, que dará origem à tragédia na peça, dizendo que “a gente deve ser o que é. Acho que até o leproso não deve negar a própria lepra” (Rodrigues1993i, p. 585). É no romance *O Casamento*, em 1966, que claramente esta idéia aparecerá. É a fala final de Monsenhor Bernardo ao exclamar que “todos nós somos leprosos! E não há exceção” (id. 1992 a, p. 250). Ele continua afirmando que a salvação

está em reconhecer a própria lepra e proclamá-la. Ele recomenda que cada um “assuma a sua lepra. E não a renegue, nunca!” (id., p. 251).

A crítica aos políticos, ao Estado, ao judiciário, à família e aos intelectuais quer desmascarar e expor nossas lepras. A humildade exagerada vem do nosso desejo de ser bom. É o desejo dos subdesenvolvidos. Estes não sabem ser “cínicos” como os ingleses na copa de 1966. Não compreenderam que não se é glorioso apenas por bondades, mas também há “sujeitos que são amados por seus defeitos” (id. 1993d, p. 152). Nelson, apesar do seu pessimismo geral, tinha fé no Brasil, e no seu forte, “o homem” (id. 1994 a, p. 80). A corrupção na política, o uso do poder público para fins privados, as relações de poder embutidas nas famílias e nas estruturas sociais são elementos “estruturantes” (Giddens 1991) de suas obras. Estes elementos sociais não são episódicos ou acidentais. Às vezes são mais explícitos, como nas obras “cariocas” ou menos diretos, como nas “peças místicas” (Magaldi 1993). Contudo, são parte integrante de suas “obsessões” e centrais para a constituição de seus tipos tramas.

Estas reflexões estão apenas procurando descobrir novos ângulos de leituras e releitura da obra de Nelson Rodrigues. Queremos, nos limites deste trabalho, apenas reavivar o debate sobre o Brasil, sua identidade e suas utopias. Neste sentido, é que achamos fundamental trazermos Nelson para o centro da discussão, a fim de vasculharmos nossas “lepras” e proclamá-las.

Bibliografia:

- CÂNDIDO, Antônio. 1980. *Literatura e Sociedade*. SP, Nacional.
- DA MATTA, Roberto. 1985. *A Casa e a Rua*. SP, Brasiliense.
- GIDDENS, Anthony. 1991. *A Constituição da Sociedade*. Lisboa, Martins Fontes.
- HOLANDA, Sérgio B. de. 1989. *Raizes do Brasil*. RJ, José Olímpio.
- MAGALDI, Sábato. 1983. *Prefácio*. Rodrigues 1993.
- MORAES, Eduardo J. . 1983. *A Constituição da Idéia Brasileira no Modernismo*. RJ, UFRJ. Tese de Doutorado.
- NIETZSCHE, Friedrich. 1980. *Considerações Intempestivas*. Lisboa, Martins Fontes.
- _____ 1993. *La Genéalogie de la Morale*. Paris, Gallimard.

- RODRIGUES, Nelson. 1992a. *O Casamento*. SP, Cia. Letras.
_____ 1992b. *A Vida Como Ela É* SP, Cia. Letras.
_____ 1993. *Teatro Completo*. RJ, Nova Aguilar.
_____ 1993a. *O Óbvio Ululante*. SP, Cia. Letras.
_____ 1993b. *A Coroa de Orquídeas*. SP, Cia. Letras.
_____ 1993c. *Perdoa-me por me Traíres*. Rodrigues 1993.
_____ 1993d. *À Sombra das Chuteiras Imortais*. SP, Cia. Letras.
Letras.
_____ 1993e. *A Menina sem Estrela*. SP, Cia. Letras.
_____ 1993f. *Boca de Ouro*. Rodrigues 1993.
_____ 1993g. *Viúva porém Honesta*. Rodrigues 1993.
_____ 1993h. *Os Sete Gatinhos*. Rodrigues 1993.
_____ 1993i. *Bonitinha, mas Ordinária*. Rodrigues 1993.
_____ 1993j. *Anti-Nelson Rodrigues*. Rodrigues 1993.
_____ 1993l. *Anjo Negro*. Rodrigues 1993.
_____ 1994 a. *Asfalto Selvagem*. SP, Cia. Letras.
_____ 1994b. *A Pátria de Chuteiras*. SP, Cia. Letras
- RODRIGUES, Nelson e Filho, Mário. 1987. *Fla-Flu, E As Multidões Despertaram*. RJ, Europa.
- WEBER, Max. 1983. *A Ética Protestante e O Espírito do Capitalismo*. SP, Pioneira.
_____ 1992 a. *Ensaios de Sociologia*. RJ, Guanabara.
_____ 1992b. *Burocracia*. Weber 1992 a .
_____ 1992c. *Política como Vocação*. Weber 1992a.